

A MEDICINA MODERNA E OS CURANDEIROS

Mário Morais Camilo Sequeira

Hospital de Santo António dos Capuchos. Serviço 3 de Medicina. Lisboa. Portugal

A Saúde é, hoje, um direito sobremaneira caro.

A investigação farmacológica lança constantemente no mercado novos produtos cuja vida média se revela demasiado curta pois, em poucos anos, são substituídos (ou não!) por outros, habitualmente mais caros e, em princípio, supostos mais úteis.

Haverá forma de sair deste sistema que nos envolve?

A leitura recente de uma publicação da Unesco fez-me pensar no que poderia ser (quem o sabe?) uma solução alternativa.

Portugal é um país onde as carências no domínio do conhecimento das suas riquezas naturais anda a par com o ancestral atraso em relação aos seus parceiros mais desenvolvidos.

Ouve-se falar da necessidade de elaborar mapas *disto e daquilo* que permitam conhecer o país de acordo com as exigências das várias especialidades científicas sem que se note qualquer contrapartida significativa por parte dos poderes para implementar a sua elaboração.

Também no domínio da Saúde valerá a pena falar da falta que nos é capaz de fazer uma carta com a distribuição das doenças mais frequentes ou, talvez antes, das zonas onde aquelas não são tão frequentes quanto seria de esperar por comparação com o restante território nacional.

Para lá de conjecturas acerca dos diferentes graus de desenvolvimento regionais e das características geográficas, climáticas ou outras que poderão condicionar tais disparidades seria curioso procurar avaliar a potencial importância que os curandeiros locais poderão ter sobre elas.

No Portugal de hoje, como no de ontem, a distribuição dos médicos sempre foi irregular e zonas haverá onde a saúde está dependente dos que, tendo recebido ensinamentos tradicionais, continuam a utilizar empiricamente *mézinhas* que nós, do alto da nossa sabedoria, nos habituámos a desconsiderar sem cuidarmos que muitas delas serão o resultado de uma aprendizagem de séculos com base em experimentações, de facto humanas, a partir de tentativas e de erros.

A importância destes *bruxos* portugueses, como se lhes chama em muitos lugares do país, foi já reconhecida por, pelo menos uma Escola médica respeitável, a Universidade de Harvard, que em 1977 deslocou para a Ilha de S. Miguel um finalista de Medicina com o objectivo de colher dados acerca dos *medicamentos* tradicionais da ilha, particularmente as plantas utilizadas em infusões (como o *chá do Amorim*, da Achadinha, curandeiro deveras singular, aliás, visto ser regularmente visitado por delegados de propaganda médica) de que tiveram conhecimento por informações colhidas na grande colónia de emigrantes açorianos de Fall River e regiões vizinhas, e a quem eu e outros médicos do SMP tivemos oportunidade de conhecer e auxiliar no pouco que nos foi possível.

Digo *bruxos* portugueses porquanto em outros países a sua actividade é reconhecida, mormente no Oriente, havendo na China, oficialmente, desenvolvimento paralelo das medicinas tradicional e ocidental.¹ Os seus produtos *medicamentosos* são estudados criteriosamente a fim de se avaliar da sua potencial utilidade como parceiros dos produtos que a investigação químico-farmacológica nos tem vindo a oferecer desde há muitos anos.

É que é pelo menos intrigante que grupos culturais que, ao nosso conhecimento actual, nunca tiveram quaisquer contactos entre si tenham chegado ao conhecimento de produtos similares que utilizaram da mesma forma e para o mesmo tipo de padecimentos. Assim aconteceu com a lepra que, em três continentes de clima tropical, foi tratada com plantas diferentes que, séculos depois, a Botânica moderna demonstrou pertencerem à mesma família.² Esta e outras informações semelhantes determinaram a criação, pela OMS, de um Instituto de Investigação a fim de analisar as propriedades terapêuticas das plantas, principalmente as de África.

Parece pois que no meio de muitos dados informativos de valor duvidoso haverá *alguma coisa* que justificará investigação visto podermos, quiçá em algumas situações, abandonar os dispendiosos medicamentos do nosso armamentário actual (a poluição medicamentosa dos *medicamentos de comodidade* — tónicos, tranquilisantes, euforizantes, anticoncepcionais — consumidos em quantidades exageradíssimas por muitos não-doentes) e utilizar produtos de fácil aquisição e que poderão, além do objectivo pretendido, permitir a obtenção de efeitos complementares com interesse pois trata-se de *complexos* químicos produzidos por seres vivos mantendo entre si relações que estão por detrás da sobrevivência desses seres, pelo que poderão ser mais facilmente assimilados que os produtos sintéticos que, por definição, são estranhos ao organismo.

Na Bulgária o responsável pela cadeira de Farmacologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Sófia que sobre o tema *plantas medicinais*, se tem vindo a debruçar refere a necessidade de recorrer às tradições orais, lendas, contos tradicionais de cada região pois elas encontrar-se-ão carregadas de informações úteis do ponto de vista médico que deverão servir de ponto de partida para a investigação visto ser praticamente impossível procurar, às cegas, nos milhares de espécies vegetais conhecidos (sendo estes os produtos mais frequentemente utilizados pelos curandeiros) a identificação daquelas potencialmente utilizáveis pela Medicina.

Utilizando essa informação do folclore local diz o Prof. Petkov que não só se irá procurar de uma forma orientada como se poderão obter informações acerca da melhor altura do dia ou época do ano para se proceder à colheita dessas plantas. De facto já várias vezes se demonstrou a correcção da indicação para se colher este ou aquele produto, ao anoitecer, de madrugada, só em tempo húmido ou até apenas aquelas que se encontram *escondidas num canto escuro* porquanto a química moderna reconhece que nessas fases do dia é que a riqueza das plantas no produto *miraculoso* é mais acentuada ou que só nas plantas ocultas à luz do Sol é que se poderá demonstrar a presença do produto pretendido. É assim que a tradição ensina a colher as folhas de digitalis à tarde sabendo-se hoje que esse é o período do dia em que o teor de glucosidos é mais elevado na planta devido à decomposição destes durante a noite.

A eventual diminuição de preço do medicamento não é o único meio de tornar economicamente rentável o reconhecimento das potencialidades dos *nosso curandeiros* e das suas plantas já que a demonstração de possíveis qualidades particulares poderá permitir a sua exportação tal como o faz o Nepal, onde a exportação de plantas medicinais representa mais de 3% do total de exportações do país.

Diz-nos A. H. de Oliveira Marques¹ que em Portugal não há qualquer história da higiene e pouco há sobre história das farmácias. Apesar disso vale a pena recordar que na península ibérica os traços da passagem de Romanos e de Muçulmanos são muito evidentes pelo que procurar o que nas nossas tradições deles aprendemos no domínio da Saúde será trabalho provavelmente frutuoso sendo disso sugestivo a circunstância de, no nosso país, os tratamentos pela água virem dessas épocas longínquas.

Possivelmente muitos dos tratamentos dos utilizadores de plantas medicinais em Portugal serão a resultante de informações veiculadas oralmente de geração em geração acumulando a sabedoria das grandes civilizações que ocuparam o território do Portugal de hoje com o que o espírito contemplativo dos nossos ancestrais mais próximos foram aprendendo nos últimos oito séculos. (E a importância de uma observação cuidada é demonstrada pelo Prof. Masquellier, da Faculdade de Medicina de Bordéus, que ao constatar a quase inexistência de erva no solo dos pinhais daí partiu para a descoberta de uma substância com poderosíssima acção inibitória das germinações produzida pelas agulhas dos pinheiros mortos).

Uma carta da distribuição das doenças pelo país bem como o reconhecimento das zonas de maior influência dos curandeiros poderia permitir uma abordagem científica, desprovida de preconceitos, dos seus potenciais efeitos benéficos (e também de potenciais efeitos menos bons) que poderíamos utilizar amanhã como alternativa ao dispendioso custo da saúde dos dias de hoje.

Será possível realizar tal tarefa?

Vamos dialogar com os curandeiros?

BIBLIOGRAFIA

1. WEN W: La Chine-Renouveau Scientifique D'une Pratique Millénaire. Le Courrier De L'Unesco. Juillet 1979, p. 25.
2. PELT JM: Les Plantes Medicinales: Un Savoir Á Réinventer. Le Courrier De L'Unesco. Juillet 1979, p. 9.
3. PETKOV V: Pour Une «Medicine Verte». Le Courrier De L'Unesco. Juillet 1979, p. 39.
4. MARQUES AHO: A Sociedade Medieval Portuguesa. 3.ª Edição. Livraria Sá da Costa Editora, 1974.